

MEMÓRIA DISCURSIVA: ANÁLISE DO *EL MITO DE CHE GUEVARA* DE SUA IMAGEM ICÔNICA DO REVOLUCIONÁRIO DE ESQUERDA, COMO HERÓI E VILÃO NA AMÉRICA LATINA

DISCURSIVE MEMORY: ANALYSIS OF THE MITO OF CHE GUEVARA OF HIS ICONIC IMAGE OF THE LEFT-LEFT REVOLUTIONARY, AS HERO AND VILLAIN IN LATIN AMERICA

Nataniel Dos Santos Gomes¹
Darío Eduardo Parra Zamora²

RESUMO

Este artigo analisa a fotografia icônica de Ernesto “Che” Guevara, figura relevante da revolução socialista do século XXI. Che, inicialmente desconhecido, tornou-se proeminente durante a guerra fria, integrando movimentos socialistas na Europa, América Latina e Cuba. a pesquisa destaca como sua imagem, opositora do capitalismo imperialista, evoluiu para um símbolo de rebeldia juvenil contra o imperialismo, enquanto paradoxalmente sendo explorada para ganhos econômicos e políticos. Che, apesar de ser homofóbico segundo relatos, é usado como ícone por movimentos LGBTQ+ para politizar suas causas. Sua imagem persiste como referência histórica em processos sociais e políticas públicas socialistas na América Latina.

Palavras-chave: Pêcheux, Ernesto Guevara, socialismo, comunismo, revolução.

ABSTRACT

This article analyzes the iconic photograph of Ernesto "Che" Guevara, a relevant figure of the 21st century socialist revolution. Initially unknown, Che became prominent during the cold war, joining socialist movements in Europe, Latin America, and Cuba. The research highlights how his image, opposing imperialist capitalism, evolved into a symbol of youthful rebellion against imperialism, while paradoxically being exploited for economic and political gain. Despite reports of Che being homophobic, he is used as an icon by LGBTQ+ movements to politicize their causes. His image remains a historical reference in social processes and socialist public policies in Latin America.

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), <http://lattes.cnpq.br/6180920530799182>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3911-1552>. E-mail: nataniel@uems.br

² Mestrando em letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0681-3284>. E-mail: dary-edu17@hotmail.com.

Keywords: Pêcheux, Ernesto Guevara, socialism, communism, marketing, revolution.

Introdução

A análise do discurso da cena segundo Pêcheux é uma ferramenta teórica que busca desvendar as relações entre linguagem, ideologia e poder em um texto. Busca identificar as formações discursivas presentes no discurso, bem como as posições ideológicas e políticas que elas representam. Por meio dessa análise, buscamos compreender como a linguagem contribui para a reprodução das estruturas de poder e dominação na sociedade. Neste caso, passamos a realizar a análise de uma figura típica da revolução socialista latino-americana, que representa para muitos a liberdade, a coragem na luta de ideais dentro do socialismo, para outros, porque sua figura corresponde como um meio lucrativo para gerar lucros, pois sua imagem gera reconhecimento ao homenagear o jovem idealista e revolucionário. Esta pesquisa compila a relevância da luta ideológica de Ernesto Guevara, parte de sua vida; sua fotografia icônica, as condições de sua produção típicas do século XX em um contexto ideológico na América Latina, especialmente na sociedade cubana.

Além disso, é mostrada a parte psicológica do discurso da cena, em que “Che Guevara” é apresentado, como uma figura ilustre, um jovem herói idealista que luta contra a dominação da hegemonia capitalista; reproduzindo a ideologia e o conhecimento dito por seus predecessores como Marx, Stalin, Lenin, Mao e o próprio Fidel Castro, no qual reproduz esta ideologia para as massas dos trabalhadores, grupos sociais minoritários, guerrilheiros e pessoas humildes do país especial no contexto Cubano e Boliviano, onde encontraria a morte. Depois disso, seu discurso sobre revolução, anarquia e rebelião prevalece em seus diários e em suas fotografias, especialmente aquela foto de Alberto Díaz, tirada em 1960, que sem saber seria a figura mais proeminente para preservar sua história; que posteriormente seria deslocado para um ambiente comercial de marketing e lucro próprio do capitalismo, ao que é irônico mencioná-lo, pois vai contra tudo ideologicamente dito pelo próprio Ernesto Guevara; Assim, o discurso deixa de ser uma imagem do socialismo para se tornar uma marca comercial para a venda de produtos de massa, com boa utilidade de lucro.

Em seguida, será abordada uma análise de Che Guevara, do qual ele é uma figura do livro *O livro negro da nova esquerda*, de autoria de Agustín Laje e Nicolás Marquez, do qual expressam uma visão completamente diferente de Ernesto Guevara, mostrando-o como um “novo Hitler”, no qual se destaca um criminoso que foi santificado como herói graças à mídia e às redes sociais de hoje, cujos consumidores são jovens com ideais socialistas.

Análisis da memória e discurso transversal na cena segundo Pêcheux

Para entender a relação entre memória e discurso transversal na cena segundo Michel Pêcheux, é importante explorar algumas das ideias centrais de sua teoria da Análise do Discurso.

Pêcheux vê a memória não apenas como algo que guardamos na mente, mas como um componente social e discursivo. Na Análise do Discurso, a memória se refere aos discursos anteriores que influenciam e moldam o que dizemos no presente. Essa memória é social porque é construída e compartilhada dentro de um contexto histórico e social, envolvendo práticas discursivas que circulam e se repetem na sociedade.

A ideia de memória sempre esteve presente nos estudos de como as pessoas se comunicam, mesmo que no começo não usassem exatamente essa palavra. Eles falavam sobre memória usando outras palavras como repetição, coisas que já foram ditas antes, conversas que atravessam diferentes falas, e como todas essas falas se conectam entre si. Essas ideias foram reunidas em *Semântica e Discurso*, de Michel Pêcheux.

Todas essas palavras diferentes, de algum jeito, estão falando sobre memória. Mais especificamente, elas mostram como a memória aparece na forma como falamos. Vamos dar uma olhada mais de perto em como isso funciona, sem tentar seguir uma ordem exata de quando cada ideia apareceu.

Primeiro, uma das ideias principais dos estudos de Pêcheux e outro autor chamado Fuchs (1975[1990]) falaram sobre como o sentido das palavras e frases se conecta dentro de um grupo de falas que compartilham o mesmo jeito de pensar. Eles explicaram que essas conexões são como um jogo em que uma frase lembra outra, criando um padrão de sentido. Mas, ao mesmo tempo, esse padrão de sentido diz o que pode e não pode ser dito dentro desse grupo de falas.

Outro autor, Achard (1983[1999, p.12-14]), falou sobre como a repetição cria um efeito de série, o que significa que certas ideias ficam mais comuns e regulares. Ele disse que essa regularidade acontece por causa de diferentes formas de repetição: coisas implícitas, referências a outras falas, e efeitos de paráfrase, que mostram que “há repetições que criam um discurso” (Courtine e Marandin 1981, p. 28). Com base nessa lógica focamos em dizer que o guerreiro da luta rebelde dos jovens (Che Guevara) estava criando seu discurso baseado na repetição das massas.

A partir dos estudos de outros pesquisadores, surgiu a ideia de “pré-construído”. Isso ajuda a entender como a memória e sentido se entrelaçam. “Pré-construído” significa qualquer parte de uma fala que já foi dita antes, em outra conversa e de forma independente. Pêcheux(1975[1988, p.164]), disse que o “pré-construído” é como algo que já estava lá, antes e que molda o sentido da nossa realidade, como se fosse uma verdade universal.

Então, basicamente, esses estudiosos estão dizendo que a memória está em tudo o que falamos, porque nossas falas são feitas de partes de outras falas e ideias que já existiam antes. E isso cria um padrão que diz o que podemos e não podemos dizer.

Mas a relação entre a memória discursiva está diretamente ligada ao discurso transversal porque este é uma manifestação da memória no discurso. Quando falamos, muitas vezes reutilizamos partes de discursos anteriores sem perceber. Esses fragmentos de discursos antigos aparecem de forma sutil e implícita, mas ainda assim moldam e influenciam o sentido do discurso atual. Isso é o que Pêcheux (1975[1988, p. 166]) chama de discurso transversal.

A análise de discurso transversal, é uma abordagem teórica que busca analisar as relações entre linguagem e ideologia em um texto. Pêcheux argumenta que o discurso não é simplesmente uma representação neutra da realidade, mas que é influenciado pelas estruturas ideológicas e políticas dominantes em uma sociedade. Segundo Pêcheux, é uma forma específica de como os discursos passados ecoam no presente. Ele descreve o discurso transversal como uma relação de metonímia, onde uma parte do discurso representa o todo, a causa representa o efeito, ou o sintoma representa o que ele designa. Em outras palavras, o discurso transversal é quando elementos de discursos anteriores aparecem de forma indireta e implícita no discurso atual.

Existem duas formas principais de como algo que já foi dito antes (o pré-construído) pode ser usado novamente em um discurso. A primeira forma é quando o pré-construído é encaixado dentro da fala de alguém através de uma estrutura gramatical. Para ser encaixado, o pré-construído usa uma estrutura que mostra a fronteira entre o que veio de outro lugar e o que foi criado pela pessoa que está falando. No entanto, ao invés de ser percebido como algo vindo de fora, o encaixe faz parecer que o pré-construído foi criado pela própria pessoa. Michel Pêcheux explicou que o discurso de alguém é influenciado pelo interdiscurso (outros discursos), mas parece ser algo próprio, mesmo sendo formado por elementos externos.

Esse processo de encaixe mostra como a repetição acontece no discurso. Podemos ver como elementos de outros discursos são inseridos na fala de alguém, criando práticas onde o conhecimento é repetido e transformado em diferentes discursos (o caso da presente investigação).

A segunda forma de uso do pré-construído é o discurso transversal. Pêcheux disse que esse tipo de discurso se refere a uma relação entre parte e todo, causa e efeito, ou sintomas e o que eles indicam. Basicamente, é quando uma parte de um discurso ecoa em outro lugar, sendo algo dito antes, mas que ressoa na fala de alguém de forma indireta.

É importante entender como essas duas formas são diferentes. No encaixe, o pré-construído é diretamente apropriado e parece ter sido criado pela pessoa que fala. No discurso transversal, o pré-construído foi dito em outro lugar e, ao ser usado, traz um eco de algo já dito, mas de forma implícita.

Essa repetição mostra que os conhecimentos existem antes de alguém falar. Quando alguém fala, parece que é a fonte do que está dizendo, mas na verdade está usando discursos anteriores sem perceber. A memória aqui é social, não algo apenas da cabeça de uma pessoa. É a regularização dessas repetições que forma essa memória.

A memória é social porque envolve a repetição de discursos em circulação, moldados pela história e sociedade. A repetição não é apenas copiar palavra por palavra, mas também transformar e ressignificar, podendo mudar o sentido conforme é repetido.

Michel Pêcheux explicou que um enunciado pode mudar de sentido ao ser repetido, atravessando diferentes contextos e formações discursivas. Isso significa que os sentidos não estão fixos, mas podem migrar e ser influenciados por outras ideologias.

Todas as formações discursivas (FD) não existem isoladamente aparecem depois da memória social. Elas estão interligadas em um complexo de discursos, com uma sendo dominante. Pêcheux chamou isso de interdiscurso, que é submetido a desigualdades e contradições, características das formações ideológicas. (Pêcheux 1975[1988, p. 162]).

Propomos chamar de interdiscurso a esse “todo complexo com dominante” das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que caracteriza o complexo das Formações ideológicas (idib., p.162).

Essas ideias sobre memória e repetição foram desenvolvidas nos anos 70 e levaram à formulação da noção de memória na Análise do Discurso. Por exemplo, Courtine, ao revisar o trabalho de Foucault, trouxe a noção de memória para a Análise do Discurso, mostrando que todo discurso faz circular formulações anteriores, repetindo, refutando, ou transformando-as, e criando efeitos específicos de memória. “toda produção discursiva faz circular formulações anteriores, porque ela possui em seu domínio associado outras formulações que ela repete, refuta, transforma, denega”. (Courtine 1981, p.52).

Agora, na análise do discurso transversal, busca-se desvendar as marcas ideológicas presentes na linguagem e como elas influenciam na produção de sentido. Para Pêcheux, o discurso não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas também um lugar onde as relações de poder e dominação são construídas e reforçadas.

Segundo Pêcheux, em cada discurso há uma série de formações discursivas que se cruzam e competem entre si. Essas formações discursivas são conjuntos de regras e normas que determinam o que pode ser dito e como pode ser dito em um determinado contexto social e ideológico. Cada formação discursiva representa um conjunto de posições ideológicas e políticas, e o discurso transversal busca identificar essas posições e analisar como elas se manifestam no texto.

Aplicado à nossa pesquisa a análise do discurso da cena transversal é baseada no conceito de interpelação ideológica, que sustenta que os sujeitos são constituídos pelos discursos existentes na sociedade. Ou seja, nossas identidades e posições são influenciadas pelos discursos dominantes em nossa cultura. Busca identificar como o discurso interpela os sujeitos e os posiciona em relação às estruturas de poder existentes,

situações específicas onde esses elementos implícitos de discursos anteriores emergem de forma clara: Imagine uma cena em que diferentes discursos sociais e históricos se entrelaçam. Por exemplo, um líder socialista, atraente, com vitalidade e juventude, sendo a referência social e política de uma época controversa de poderes políticos e tendo a sua imagem espalhada pelos jornais a nível internacional e a sua fama reafirmando o sentimento de rebelião entre os jovens. Foi assim que nasceu o mito de Che Guevara. Esses fragmentos de discursos passados ressoam e se entrelaçam no discurso atual, criando um efeito de memória que é transversal (atravessa) e de cena (específico ao contexto).

Breve análise de “Mito Del Che Guevara”

É preciso comentar a história desse personagem e líder guerrilheiro, protagonista da expansão do socialismo latino-americano, para entender a causa de sua fama de símbolo de rebelião, liberdade e idealismo socialista. Pode-se dizer que ele nasceu em uma rica família argentina, desde muito jovem mostrou sua rebeldia apesar de suas condições médicas que não lhe permitiam ter uma vida normal, pois sofria de asma crônica, o que às vezes não lhe permitia realizar atividades extenuantes (ironicamente em muitas fotos ele é visto fumando charutos). Além disso, faz a famosa “viagem de moto”, conforme anunciado (Telesur 2020)

No início de 1952, Ernesto Guevara de la Serna, com apenas 23 anos, iniciou sua turnê por cinco países da América do Sul a bordo de uma motocicleta chamada "La Poderosa II". A trajetória, empreendida junto com o amigo de juventude Alberto Granado, dividiria em duas a história do jovem estudante de medicina. Em alguns apontamentos de viagem que mais tarde ficariam conhecidos como Diários de Motocicleta, ficaria registrada a gradual transformação do olhar do jovem médico sobre a realidade da América Latina. A viagem —que daria origem ao mítico Che Guevara alguns anos depois— começou em 4 de janeiro de 1952 em Córdoba, Argentina, para continuar por nove meses pelo Peru, Chile, Colômbia e Venezuela..

A partir daqui começa a história do homem “mito”, realizando atos que para a época eram fora do comum, atitudes que chamariam a atenção de Fidel Castro, líder máximo da revolução cubana.

Nas palavras de (Castaneda 1997):

“a história de um homem que se tornou um dos mitos deste século XX”. Há 56 anos ocorreu a morte de Ernesto Guevara (1928-1967) nas montanhas bolivianas, executado por Mario Terán, alto comando do exército daquele país; que executa por decisão própria esse guerrilheiro, que por várias décadas subiu ao cume da cúspide (e ainda permanece) da revolução socialista na América Latina, já que ninguém ou até o momento conseguiu substituir esse personagem "emblema", que é metaforizado como um "santo" para os grupos de extrema esquerda, aderindo fortemente à ideologia tão forte que leva seu nome desde o evento de sua morte (39 anos), que lhe deu mais fama do que quando foi visto. É incerto se Che Guevara tinha em mente a filosofia de vida de viver pouco e aproveitar ao máximo, como menciona a seguinte frase *Viva rápido, morra jovem e deixe um belo cadáver*.

Mas por que ele era tão conhecido na América Latina na década de 1960?. Isso pode ser respondido por duas razões. Primeiro, foi uma parte importante da guerrilha de Sierra Maestra, que era um exército de insurgentes, cujo líder era Fidel Castro, cuja filosofia era uma ideologia esquerdista e anti-imperialista. Em segundo lugar, a grande vitória da Revolução Cubana, derrubando o regime ditatorial de Fulgêncio Batista; por isso foi uma figura forte junto com Fidel Castro, mas ao contrário dele, Ernesto Guevara foi a figura que representou a juventude e a coragem.

Na década de 1960, Ernesto Guevara foi capa da revista *TIMES*, conforme descrito (Lizárraga 2016):

Em 8 de agosto de 1960, a influente revista americana Time publicou um retrato de Ernesto Che Guevara em sua capa. Estar na capa da Time, como se sabe, significava naqueles tempos um passaporte para a fama mundial, uma espécie de consagração definitiva como personalidade do ano e, quem sabe, da história. À esquerda de Che – do ponto de vista do leitor – apareceu um retrato menor de Nikita Khrushchev, líder da URSS, e à direita, a figura de Mao Tsé-Tung. No canto superior direito, um panfleto dizia: "A cabeça de ponte comunista no Ocidente". E o título principal, sobre um fundo previsivelmente vermelho, expressava: "Che's Cuba". Dentro da revista, o título referente a Che era ainda mais sugestivo: "O cérebro de Castro". Com premeditada simplicidade, a revista havia estabelecido uma divisão de tarefas na revolução cubana: Fidel Castro, o líder, era o coração; Raúl Castro, chefe do Exército Rebelde, foi o primeiro; e o médico argentino virou guerrilheiro e, na época presidente do Banco Nacional e ministro da Indústria, foi o mandante.



‘Che Guevara’ revista TIMES

Assim como descrevem Che Guevara naqueles tempos e em uma revista tão importante quanto a Times Magazine, eles se catapultaram para a fama mundial. “A cabeça de ponte do comunismo no Ocidente” denota a grande influência do argentino dentro do processo executivo da revolução.

Mas “Che Guevara sempre foi um homem influente”, porque sua história nos mostra como um jovem argentino da classe dos “ricos”, médico de profissão sem exercer; Diz-se que seus bisavôs, Ernesto Rafael Guevara, pertenciam à classe alta argentina e Patricio Julián Lynch y Roo, havia sido considerado o homem mais rico da América do Sul. Guevara conseguiu levar uma vida financeiramente confortável graças aos rendimentos que obteve com a herança recebida de seus pais. Como a revista menciona sobre seu bisavô Lynch e Roo (Revisionistas 2008): “Ele era um homem de imensa fortuna, dono da fragata ‘La Heroína’, a primeira a desembarcar em Puerto Soledad, Ilhas Malvinas, em 1820.” Motivo pelo qual a linhagem de onde vem Ernesto Guevara, é de alta classe, com grandes fortunas herdadas. Razão pela qual, a sua situação econômica nunca foi um inconveniente como tal.

Dentro do protagonismo da revolução social cubana, ele é encarregado de realizar a execução dos chamados “traidores da revolução” dos ex-membros do regime de Batista na fortaleza de San Carlos de la Cabaña, onde (Marquez e Laje 2016) destacam os crimes contra a humanidade que foram cometidos em nome da Revolução:

O comunismo cubano deu nota sob a máxima sentenciada pelo ditador Fidel Castro que dizia: “a revolução não precisa de cabeleireiros”. Foi então que o eterno patrão deu permissão a seu subalterno atirador subalterno, o legendário Ernesto Che Guevara — cujo rosto, paradoxalmente, costuma ser exibido e exaltado nas manifestações homossexuais contemporâneas — para projetar, a partir de 1959, o que foi o infame campo de concentração para castigo de sodomitas localizado na Península de Guanacahabibes.

Missão que se cumpre com sucesso e que pode ser vista sob diversas perspectivas, pois qualquer processo de revolução nunca costuma ser pacífico, pelo contrário, a violência faz parte da usurpação e manutenção do poder.

Uma vez instituído o sistema socialista cubano pelo novo ditador Fidel Castro, ele assumiu um cargo importante como governador do Banco Nacional de Cuba, do qual não gostou e renunciou logo depois, depois ministro das Indústrias que depois se cansou novamente, foi quando decidiu ser um revolucionário em tempo integral, decisão que mudou seu destino no futuro.

Ele inicia sua nova campanha revolucionária na República do Congo, conforme relatado pela revista Almiar (Jimenez 2018):

O ano de 1965 ficará marcado por inúmeras deslocações a África, sobretudo ao Congo e à Guiné, procurando aprofundar a vertente marxista-leninista, bem como conjugar a participação da guerrilha cubana nas forças insurgentes em Angola. Em 25 de fevereiro, Che ataca fortemente a União Soviética em um discurso em Argel, por estar em total desacordo com sua visão do socialismo: Che propõe criar um grande grupo compacto de nações no processo de libertação, ajudando-se gratuitamente, enquanto a URSS. rejeitar a proposta.

Após a grande revolução socialista em Cuba, Guevara empreendeu a viagem em busca de expandir sua ideologia em grupos insurgentes em Angola. E começaram as primeiras divergências com a União Soviética, que na época era imperialista, muito distante do socialismo utópico.

Vale mencionar que Ernesto Guevara fez um discurso nas Nações Unidas em 11 de dezembro de 1964 no qual mostra a forte ideologia socialista e como se deu o processo da revolução em Cuba, bem como as justificadas execuções “necessárias dentro da revolução”.

Análisis do “Guerrilero Histórico” sua imagen iconica comercial

Revista de Letras Norte@mentos

Neste momento é preciso analisar sua imagem mais icônica dentro das condições de produção do gráfico a seguir, no qual “Che Guevara” é apresentado, como símbolo de rebelião, liberdade e injustiça social, que passou a fazer parte de uma imagem pública e objeto de mercantilismo com fins lucrativos (paradoxalmente muito contra a ideologia de esquerda). Guerrilla Heroico, também conhecido simplesmente como Che Guevara, é uma fotografia de Ernesto “Che” Guevara vestindo uma boina preta olhando para longe. A foto foi tirada por Alberto Díaz (Korda) em 1960 (Wikipedia 2023).

Primero tempo do análisis. (1960)



Ernesto Guevara do 1960 por Alberto Díaz (Korda).

Esta fotografia mostra um personagem ‘mítico’, líder da revolução, expoente máximo do maoísmo, braço direito de Fidel Castro, atualmente como expoente da revolução ideológica das massas sociais, especialmente da juventude dos movimentos sociais.

Você pode ver uma fotografia em preto e branco (que é típica da época), um argentino de aproximadamente trinta anos, que denota saúde em seu rosto e um olhar ousado; usando no alto da cabeça seu boné, típico da revolução comunista chinesa, no qual se destaca a estrela revolucionária de Mao Zedong, que representa o partido comunista na China, que é uma referência às revoluções socialistas da época, ideologia que levou a implantar na América Latina e teve sucesso na república cubana.

Apresenta também o cabelo comprido, que simboliza a rebeldia do jovem revolucionário, em muitas culturas o cabelo comprido é visto como símbolo de grandes guerreiros e heróis da história, que tem sido símbolo de força, virilidade, sabedoria e status social, principalmente em homens jovens. Da mesma forma, uma longa barba levemente estilizada, que para a época, quebrava os padrões do imperialismo estadunidense com sua ideologia contrária, em que demonstrava uma estima social por homens com estilo, formalidade e com corte adequado à moral e à ética social. Che Guevara, representado pela data em que o capitalismo, o colonialismo era o contexto, por outro lado na Europa e na América Latina começou com uma ideologia muito forte que veio da União Soviética, ou seja, seu conhecimento já dito vem dos grandes líderes socialistas, que está implantado em seu inconsciente, como Lenin, Stalin, Mao Zedong, Kim Jong-il e Fidel Castro, seu grande aliado dentro do conhecimento socialista latino-americano.

Essa imagem começou a ficar famosa cerca de sete anos depois, após a morte de Che Guevara na Bolívia, quando um editor italiano Giangiacomo Feltrinelli assumiu os direitos de publicação do Diário de Che Guevara na Bolívia e imprimiu a imagem em um grande pôster. Feltrinelli havia obtido imagens de Che de Korda alguns meses antes de sua morte, imagens que foram usadas para imprimir um grande número de cartazes em outubro de 1967. Após o grande boom globalizado da internet desde os anos 2000, podemos denotar a grande expansão da imagem, que é utilizada para atingir as massas, principalmente na América Latina, e implantá-la no mercado, como símbolo de liberdade, rebeldia, juventude e revolução.

Nas palavras de (Wells 2000), “Che foi um exemplo como homem e nós somos seu exemplo para o mundo neste momento”. Ele dá uma explicação mostrando sua imagem de herói maior, sendo uma metáfora da vitória ideológica da época.

Em seguida, o artista Fitzpatrick retoca a fotografia ao seu estilo, para evitar problemas de direitos autorais. Desde então a imagem apareceu em inúmeros cartazes, camisetas, canecas, adesivos, gerando uma nova estética a ser seguida pelo homem revolucionário. Podemos denotar que a figura heroica do grande revolucionário socialista é hoje produto de uma imagem publicitária para muitos artigos e até tatuagens corporais.



Nas palavras de Fidel Castro, líder máximo da revolução cubana, ele se refere ao socialismo como: “Escolhemos o socialismo porque é um sistema justo, um sistema muito mais humano...”. Como um sistema mais humano e justo, que está muito distante do sistema de enriquecimento capitalista, mas agora se verá o paradoxo disso, quando a imagem de um de seus grandes expoentes é aproveitada dia após dia, utilizada por muitos jovens sem saber seu significado, ou associam-na metaforicamente sem saber sua origem e significado.

Quando Ernesto Guevara morre, é quando sua imagem de mártir se faz presente. Mas a questão é como você passa de uma pessoa comum a um mito, um herói contemporâneo? Sua transição está dada. Em primeiro lugar, deve-se levar em conta que em todos os processos revolucionários existem seus mártires que rejuvenescem a ideologia, neste caso dois grandes mártires da revolução socialista cubana são Camilo Cien Fuegos (1959) e Che Guevara (1967). Em segundo lugar, o socialismo ideológico começa a cair em descrédito na Europa, seja pela morte de seus dirigentes máximos como Stálin, seja simplesmente pela idade que deixaram de se intrometer nos processos expansivos do socialismo; a União Soviética passa a ser imperialista como seu inimigo capitalista, que vivia em constante combate ideológico (guerra fria); Por outro lado, Guevara é um novo elemento que inspira juventude, liberdade, intransigência e vitória, renovando a filosofia básica nos países latinos.

Para alguns, no momento Che Guevara é considerado um homem, justo, pacifista, um democrata convicto em sua ideologia, para outros um libertário e um pacifista do desarmamento para alguns setores sociais; extrapolando a versão do mito; para uma determinada população, um assassino, um xenófobo, um ditador, um criminoso, um homem sem responsabilidade e sem valores. Por fim, a globalização o destaca como item de consumo em itens de propaganda, como camisetas, bonés, tatuagens, cartazes, banners, músicas, para que os usuários do Instagram, Facebook e Twitter possam postá-lo, como parte de seu discurso ideológico, enfim, tudo relacionado à cultura popular.

A figura icônica de Che Guevara tem sido objeto de diferentes interpretações e usos ao longo do tempo, havendo certamente uma combinação de ideologia e *marketing* a ela associada.

Em primeiro lugar, Che Guevara foi um revolucionário marxista e uma figura importante na revolução cubana. Sua imagem se tornou um símbolo do movimento comunista e da luta contra a opressão e a desigualdade social em várias partes do mundo. Para aqueles que apoiam sua ideologia e ideais revolucionários, a imagem de Che Guevara representa a resistência e a luta por justiça social.

Figura SEQ Figura * ARABIC 4:
Che Guevara em anúncio publicitário

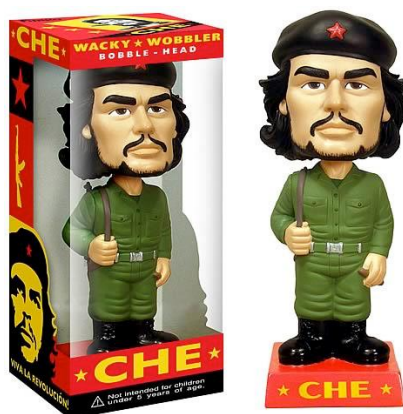


Figura SEQ Figura * ARABIC 5:
Che Guevara como um brinquedo

No entanto, também houve exploração comercial da imagem de Che Guevara com fins lucrativos. Seu rosto tem sido usado em todos os tipos de produtos, de camisetas e pôsteres a canecas e chaveiros, vendidos em lojas e sites de todo o mundo. Esse marketing transformou a imagem do Che em um produto de consumo de massa, muitas vezes despojado de seu contexto político e usado simplesmente como símbolo de rebeldia ou estilo.

Alguns críticos argumentam que essa comercialização banalizou a mensagem e o legado de Che Guevara. A imagem tornou-se uma espécie de "marca" ou logotipo, usado para vender produtos sem necessariamente endossar os ideais que Che representava. Isso levou a acusações de superficialidade e exploração comercial de sua figura.

Em suma, a figura icônica de Che Guevara está impregnada tanto de ideologia quanto de *marketing*. Por um lado, representa os ideais revolucionários e a luta pela justiça social. Por outro lado, sua imagem tornou-se uma mercadoria comercializável, muitas vezes usada sem se aprofundar em seu significado político. Essa dualidade gerou debates e polêmicas em torno de seu legado e do uso de sua imagem.



Figura 6: Che Guevara estampado em tecido tipo Converse

Tatuagem de Mike Tyson, famoso boxeador americano, que tem Ernesto Che Guevara tatuado no abdômen; que durante uma entrevista definiu como uma pessoa “incrível” que “tinha muito”, mas que “sacrificou tudo em benefício de outras pessoas” (o discurso de alguém é influenciado pelo interdiscurso).



Ilustração https://as.com/tikitakas/2020/11/28/portada/1606557050_565991.html

Análise da transição ao movimento Nova Esquerda



Figura 7: capa do *Livro Negro da Nova Esquerda*

O livro negro da nova esquerda: ideologia de gênero ou subversão cultural é um livro escrito por Agustín Laje e Nicolás Márquez, dois autores argentinos. O livro se concentra em analisar e questionar a chamada "nova esquerda" e sua influência em questões relacionadas à ideologia de gênero e à subversão cultural.

A obra aborda uma série de questões polêmicas e polêmicas em relação à ideologia de gênero, feminismo, movimento LGBTQ+, educação e outros aspectos da sociedade contemporânea. Os autores mantêm uma posição crítica em relação ao que percebem

como uma imposição ideológica e cultural de certas correntes de pensamento progressista na sociedade, que consideram ter perpassado diferentes campos, como educação, política e cultura.

Esses dois escritores afirmam que muitos grupos de esquerda, especialmente parte dos movimentos LGBTQ+ contemporâneos, usam a imagem de "Che Guevara" como propaganda, como eles explicam, em parte para ser um símbolo de revolução e rebelião com espírito juvenil, mas em seu texto eles mostram a ignorância ou desconhecimento disso, pois narram em seu texto que a figura representativa dos movimentos progressistas foi mediada, já que, na realidade, segundo os autores do livro o próprio Ernesto Guevara era uma pessoa homofóbica, que na época da revolução socialista cubana condenou à morte todos aqueles que foram contra os princípios da revolução, para os quais a homossexualidade era punível com a morte.

Analisando a mítica fotografia ao fundo, podemos notar a transição, agora ela é colorida, com as cores típicas que são típicas da bandeira LGBTQ+, além disso, a estrela comunista do MAO mudou, agora o símbolo feminino é colocado com um punho que denota a luta feminista contra o sistema patriarcal do capitalismo, além disso pode-se notar maquiagem roxa em suas pálpebras e batom vermelho intenso nos lábios de Che, então remeteria às novas tendências que são típicas de transexuais e travestis que mencionam que a maquiagem é neutra produto, que pode ser usado por homens e mulheres sem preconceito.

Já nas palavras de (Oquendo-Villar 2009) refere:

“Escolhi a figura do Che porque ele é a metáfora máxima do revolucionário contemporâneo e ao assumir parte da sua figura representacional (estrela, boina e atitude guerrilheira), procuro politizar a homossexualidade e/ou homossexualizar a política, demonstrando que é possível ser homossexual e ser revolucionário; ser homossexual e ser de esquerda; ser homossexual e lutar por mudanças e pela transformação da sociedade”. Como pode ser visto no texto citado, a figura representativa do “herói revolucionário” passou de uma figura icônica para se tornar um “slogan” dos movimentos homossexuais, pois representa a metáfora do revolucionário contemporâneo, uma vez que o referido movimento tenta politizar a homossexualidade na sociedade latina.



Ilustração Victor Hugo Robles, "o che homossexual"

A decisão de Victor Hugo de usar a imagem de Che Guevara para desafiar a relação entre revolução e homossexualidade coloca sua atuação em uma posição única, dado que muitos ativistas e movimentos de libertação gay consideram Che Guevara uma figura homofóbica dentro da Revolução Cubana (ver Bejel, 2001). Em *Nación Cubana Gay*, Emilio Bejel refere-se a Che Guevara como “um dos mais ferrenhos líderes homofóbicos do período revolucionário” (Bejel 2001: 100). de Educação Sexual (que também é filha do líder cubano Raúl Castro), abordou oficialmente a personificação de Victor Hugo como Che, declarando que "se Che estivesse vivo, apoiaria nossa causa" (Robles 2008).

Nas palavras de (Villatoro 2019):

Um erro histórico constrangedor, pois, apesar do que o mito narra, Guevara repetidamente fez acusações contra os homossexuais, considerando-os contrários ao seu ideal de "homem novo" (aquele que deveria se elevar acima dos demais após a revolução). Como se não bastasse, a guerrilha chegou a rotulá-los de "pervertidos sexuais" e, com a ajuda de Fidel Castro, também homofóbico declarado, os perseguiu e os internou em campos de trabalhos forçados.

Pelo exposto, durante a luta revolucionária, o homossexual, por sua preferência e gosto, não correspondia a ser o homem ideal dentro do novo sistema de governo, pois seus atos de "perversão" antinatural retardaram o processo revolucionário, razão pela qual a ordem direta para eles era trancá-los em campos de concentração, onde eram condenados à morte após vários dias de tortura. Parte desse conhecimento é entender que na história da revolução socialista está a aversão aos homossexuais e suas práticas, este

deve ser “um trabalhador vigoroso, galante, trabalhador, patriota, abnegado, heterossexual, monogâmico e austero”. Isso o levou a considerar gays e lésbicas como “perversos sexuais” e (nas palavras do pesquisador e escritor Cabrera Infante) “pessoas doentes” que deveriam dar lugar ao mencionado “homem novo, politicamente saudável e produto da Cuba comunista”, já que se estabeleceu um estereótipo de homem e mulher ideais de acordo com a ideologia da época, já que ser “afeminado” era incapaz de estabelecer a nova república, como diz José Martí (Martí 1981) “homossexual com um ser efeminado incapaz de construir uma nação e a definiu como um detrito inútil do materialismo moderno”. Em que, segundo sua abordagem, a preferência sexual faz parte da perversão moderna do capitalismo, pois este estaria degradando a sociedade, razão pela qual o socialismo moldaria o homem e a mulher ideais, de acordo com a revolução e a nova pátria.

Que influência Ernesto Guevara exerceu no território brasileiro, ou simplesmente era conhecido nos países de língua espanhola?

A influência de Che Guevara no socialismo brasileiro foi significativa, mas é importante contextualizar seu impacto na história política e social do Brasil.

Che Guevara foi um revolucionário e líder político marxista-leninista, conhecido por seu papel fundamental na revolução cubana e sua luta pela expansão do socialismo na América Latina e em outras partes do mundo. Sua imagem e seu legado se tornaram símbolos icônicos do socialismo e da luta revolucionária em todo o continente.

No Brasil, a influência de Che Guevara se manifestou por meio de diferentes movimentos políticos e sociais. Durante os anos 1960 e início dos anos 1970, em meio à Guerra Fria e à luta contra as ditaduras militares na América Latina, formaram-se no Brasil grupos guerrilheiros e movimentos de esquerda inspirados nas ideias e táticas de Che Guevara.

Um dos grupos de maior destaque foi a “Aliança Libertadora Nacional” (ALN), liderada por Carlos Marighella, que também era admirador de Che Guevara. A ALN procurou derrubar o governo militar brasileiro e estabelecer um estado socialista revolucionário.

No entanto, a influência de Che Guevara também gerou polêmica e divisões dentro do movimento de esquerda no Brasil. Alguns líderes e partidos políticos mais

moderados viam com desconfiança as táticas de guerrilha e o caminho armado para o poder. Eles preferiram focar na luta política e na participação em eleições democráticas.

Com o tempo, a ditadura militar brasileira reprimiu brutalmente os movimentos de esquerda, inclusive os inspirados por Che Guevara. Muitos dos líderes guerrilheiros foram perseguidos, presos, torturados ou mortos. À medida que a década de 1970 avançava, a luta armada esmoreceu e houve uma reorientação para formas mais convencionais de luta política.

Atualmente, a figura de Che Guevara continua sendo um símbolo poderoso em alguns setores da esquerda brasileira e latino-americana. Seu legado ideológico e influência continuam a inspirar aqueles que buscam transformações sociais e políticas baseadas na justiça social e no socialismo.

Considerações Finais

Vale ressaltar que este artigo trata-se de uma análise do discurso da imagem mítica de “Che Guevara”, nos anos sessenta, sobretudo quando predominava sua fama de grande líder revolucionário moderno, cuja fama não ultrapassou as fronteiras de Cuba; Depois disso, ele ficou famoso com seu discurso perante as Nações Unidas e sua posterior publicidade na revista *Times*; que, com sua trágica morte nas mãos de insurgentes bolivianos contra sua ideologia, o catapultou para se tornar o mártir socialista, amado e lembrado pela enorme multidão de grupos sociais minoritários, contra o sistema capitalista e imperialista; assim sua fotografia e imagem agora são lembradas em qualquer tipo de acessório, camiseta, sapato esportivo; É irônico pensar que se tornou o que sua ideologia queria eliminar, ou seja, o enriquecimento capitalista, além disso, podemos observar que além de cair diante do *marketing* e da publicidade, agora também se transformou em slogan dos movimentos sociais típicos do sistema socialista do presente século, juntamente com os movimentos LGBT+, que os tomam como referência social de luta, anarquia e rebeldia, o que é típico da filosofia juvenil; Ao exposto, escritores como Agustín Laje e Nicolas Marques, mencionam que a figura de “Che” foi politizada, a fim de manipular as massas e grupos minoritários para fins individuais e não coletivos, acrescentam também que o próprio “Che Guevara”, na realidade, não era uma figura de liberdade, pelo contrário, mostram-no como um ser que assassinou tudo o que era contra

a revolução socialista, isto incluía os homossexuais, que os torturava e assassinava a sangue frio.

Referências

CASTANEDA, Jorge. *La vida en Rojo. Una bigrafia del Che Guevara*. Buenos Aires: Espasa Calpe, 1997.

JIMENEZ, José Miguel. *El Che*. Espanha, 01 de Abril de 2018.

LIZÁRRAGA, Fernando. Hemisferio Izquierdo. *El Che, “cerebro” de la revolución*. 07 de outubro de 2016. Disponível em: <<https://www.hemisferioizquierdo.uy/single-post/2016/10/07/el-che-cerebro-de-la-revoluci%C3%B3n>> Acesso em: 06 de julho de 2023.

MARQUEZ, Nicolás; LAJE, Agustín. *Libro negro de la nueva izquierda*. Argentina: Grupo Union, 2016.

MARTÍ, José. *Nuestra América*. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 1981.

Revisionistas. *Revisionistas*. 07 de 04 de 2008. <http://www.revisionistas.com.ar/> acesso: 07 de 06 de 2023).

TELESUR. *Diarios de motocicleta: El viaje que forjó al Che Guevara*. Chile, 20 de janeiro de 2020.

VILLATORO, Manuel P. *El verdadero Che Guevara, un homófobo que encerró a cientos de homosexuales en campos de trabajo*. ABC Cultural, 2019.

WELLS, Matts. *The Guardian*. 2000.

WIKIPEDIA. 15 de março de 2023. <[https://es.wikipedia.org/wiki/Che_Guevara_\(fotograf%C3%ADa\)](https://es.wikipedia.org/wiki/Che_Guevara_(fotograf%C3%ADa))> Acesso em: 06 de junho de 2023.

Recebido em 04/03/2024.

Aprovado em 15/05/2024.